

## **Sabores de docência com poesia<sup>1</sup>**

Maria Onete Lopes Fererira<sup>2</sup>

Que a experiência na docência universitária leva a descobertas parece obvio. Todavia descobre-se coisas para além daquelas que carecem de pesquisas. Tem as descobertas que são obras do acaso e fazem a diferença. E o melhor de tudo é que o acaso, pode nos remeter às melhores pesquisas ou pelo menos nos estimular a pesquisar sobre objetos que não se projetavam no horizonte.

É destes acasos e seus sabores que quero tratar aqui.

Por ser este espaço inerente ao trabalho universitário, eu queria escrever sobre temas que se relacionem ao ambiente acadêmico, ainda que a universidade abarque quase tudo. Ou seja, seria difícil escrever algo que não levasse a uma relação com a universidade. Não obstante, só me ocorreu ideias nascidas da minha atividade docente, ainda que tenha me imposto o firme propósito de escrever sobre algo que seja mais leve do que pesado. Decidi, ao menos remediar e escrever sobre memórias que atravessam os textos e se fixam nos recônditos das coisas boas que gostamos de lembrar.

Sendo assim, escolhi pautar, nestas linhas, a poesia. Não a poesia dos poetas porque sobre esta eu sou quase um zero à esquerda. Eu vou falar sobre a poesia como uma coisa que descobri ser uma existência em nós. Algo que nos acompanha quando nascemos, no entanto pode morrer antes da morte. E quase sempre ela desaparece sem que a gente nem se dê por isso e pense não fazer falta alguma.

Pois é... essa possível existência de uma porção poética como característica humana inata, tem sido um tema de minhas ocupações como professora que ensina, faz também extensão e pesquisa.

### **Poesia, sua atrevida!**

O desenvolvimento de um projeto de extensão que tinha na contação de histórias seu núcleo e, que vinha sendo desenvolvido numa escola municipal em Angra dos Reis me trouxe á poesia. Sim, poesia, algo que eu apenas conhecia como leitora desse “gênero literário”, como é classificada na Literatura. Gênero apreciado

---

<sup>1</sup> Texto originalmente escrito para a coluna online do jornal da Associação Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ADUR)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação do Instituto de Educação de Angra dos Reis/Universidade Federal Fluminense

como tantas outras coisas que, por alguma razão que não vem ao caso, adotamos como boas e por isso curtimos. E, como tal, o desfrute me levava ao encontro de poetas que elenquei como favoritos, vez ou outra. Menos até do que deveria.

Sei, contudo, que descobrir outro jeito de ver e curtir poesia, a tornou mais presente no meu cotidiano. E foi numa ocasião do cotidiano acadêmico que aconteceu aquele encontro fatal que nem marcado estava. Eu ia fazer a primeira atividade do projeto de contar histórias para as crianças do terceiro ano numa escola, vizinha ao campus onde trabalho, lá em Angra. Havia mudado o ano de realização da extensão porque a diretora da escola me pedira. Antes era no quarto ano que eu fazia o projeto, mas para ser mais útil (e nem era a utilidade que me movia no projeto. Tenho raiva da escola utilitária) eu topei fazer com o terceiro ano. Explico. Em Angra, as crianças vão sendo aprovadas automaticamente até o terceiro ano, quando são avaliadas naquelas competências e habilidades indicadoras de sucesso (ler e escrever). Como havia muitos casos de retenção, talvez o projeto contribuísse para mudar esse quadro. E não é que serviu, de fato? Mas esse é outro assunto. É de poesia que eu quero falar.

Naquele dia inicial, eu e a equipe nos demos conta de um detalhe que havia passado batido: se as crianças, em grande quantidade ainda não sabiam ler livros, então o projeto anterior, que tinha a leitura como exigência, não poderia ser feito. Por um acaso eu levava comigo um livrinho do Fernando Pessoa, o qual continha o poema *Mar português*. Decidimos, de improviso, ler e analisar no encontro, no lugar da leitura dos livros, este poema.

### ***Mar Português***

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu  
(Fernando Pessoa)

As crianças ficaram tão atentas e solícitas ao poema que ali mesmo decidimos que a poesia substituiria as histórias. Elas gostaram do poema e se deliciaram com seu conteúdo. Descobriram, num impulso, que poesia conta histórias, fala de coisas de um jeito muito belo.

Eu também começava ali um percurso de descobertas. O interesse pela poesia revelado pelas crianças, a tornaria um objeto a ser compreendido não mais como gênero literário, que é coisa das gentes das letras e eu sou da pedagogia. No entanto, deixarei para outro momento esse assunto. Vou contar mesmo é alguns *causos* consequentes da poesia na escola.

### **A poesia na escola: algumas memórias**

Sempre que converso sobre esse projeto e seus resultados, eu conto esta história porque me parece muito emblemática das minhas descobertas: numa das turmas em que fazíamos o projeto pela primeira vez, tinha uma menina já meio adolescente, que repetia pela terceira vez o terceiro ano, portanto muito acima da faixa etária da turma, ainda que outras crianças fossem repetentes, ela era a mais velha. Eu imaginei que ela iria comprometer as atividades, por causa de sua idade fora da faixa. Não é que ela foi uma das que mais se destacou? Sim ela tinha preservado seu poeta, talvez intacto. Aliás deve ser porque ele vivia nela que a escola não lhe servia, lhe parecia desnecessária porque poetas não sabem para que serve uma escola que fala de coisas de um mundo que não é o dele. Digo-lhes que esta menina em mais ou menos um mês de projeto não apenas aprendeu a ler e escrever, como nos brindou com poemas da própria autoria. Seu primeiro poema falava de poetas e de poesia. Nele ela dizia que o mundo precisa de poetas porque a emoção do poeta é uma necessidade para o mundo.

Quando eu comecei a estudar a poesia, descobri exatamente isso. George Jean um autor francês, assevera que a poesia é uma outra linguagem. Linguagem dos sonhos. E um outro autor, o Carlos Felipe Moises, me fez entender que a poesia é uma forma de utopia. Assim como li também que a peraltice das crianças, que as leva a uma “mentirinha” de vez enquando, não passa de manifestação do estado de poesia que nos habita na infância.

Outra memória interessante é de uma atividade em que abordávamos, através de vídeos, alguns poemas do Manoel de Barros. E numa das poesias ele afirma que era fácil infantilizar formigas. Que bastaria pingar açúcar no coração delas. Eu perguntei à turma se era mesmo uma coisa fácil, pois para mim, que tive meu poeta podado por inteiro, parecia muito complicado. Impossível, até. Uma criança levantou a mão e respondeu, ativa que *sim*. Surpresa, com o *sim* tão imediatamente dado à pergunta, por aquele menino de oito anos, lhe perguntei como tocaria. E ele, muito seguro, encarando-me com segurança, sentenciou em tom quase de desdém: *desenhando!*

Recordo-me, para encerrar o relato, desse outro fato, que julgo significativo. É sobre um encontro casual, na rua da escola, no início de um novo ano letivo, com um menino que passara de ano e estava estudando no quarto ano. Como a sua turma não estava tendo as minhas atividades, já que permanecíamos fazendo o projeto no terceiro ano, ele me perguntou, chamando-me pelo nome, se eu não iria fazer “o projeto de literatura” em sua sala. Para mim, que convivia com aquelas crianças, a pergunta soou natural, mas eu estava acompanhada de uma colega da área de biologia, que também se compromete com a escola pública. Ela ficou deveras encantada com o fato de um menino franzino com uniforme escolar, me parar na rua, para perguntar sobre “um projeto de literatura”. Para ela literatura na boca de uma criança da escola pública era surpreendentemente positivo.

E assim, sem querer tornar mais útil a escola, ao contribuir para o desenvolvimento mais rico das crianças, a escola passou a colher melhores resultados desde que começamos fazer poesia e poetas por lá.